

Ruptura e Reconfiguração: A Política Externa Brasileira no Governo Bolsonaro e as Evidências de uma Nova Abordagem Diplomática¹

Maria Júlia Cavatão Ramos²

Resumo

Este artigo analisa a política externa brasileira durante o governo de Jair Bolsonaro, destacando uma ruptura em relação à tradição diplomática anterior. A pesquisa foca em como as ideologias conservadoras e nacionalistas moldaram as decisões internacionais, com destaque para o alinhamento com a extrema direita e a rejeição do multilateralismo. Além disso, destaca-se o uso das redes sociais para alcançar tais objetivos políticos. A análise foi realizada com base em uma revisão bibliográfica e em discursos na ONU. Os resultados indicam que, embora houvesse continuidade em alguns aspectos pragmáticos, como as relações comerciais, o governo adotou uma postura ideológica que favoreceu aliados políticos da extrema direita global, o que alterou o padrão de inserção internacional do Brasil.

Palavras-chave: Política Externa Brasileira, Jair Bolsonaro, Nacionalismo, Conservadorismo, Multilateralismo, Extrema Direita, Assembleia Geral da ONU.

Abstract

This article analyzes Brazilian foreign policy during Jair Bolsonaro's government, highlighting a break from previous diplomatic traditions. The research focuses on how conservative and nationalist ideologies shaped international decisions, with emphasis on alignment with the far-right and rejection of multilateralism. The analysis was conducted through a literature review and UN speeches. The results indicate that while there was continuity in some pragmatic aspects, such as trade relations, the government adopted an ideological stance favoring far-right political allies globally, altering Brazil's international engagement pattern.

¹ Artigo científico apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Prof. Sandra Aparecida Cardozo

² Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia

Keywords: Brazilian Foreign Policy, Jair Bolsonaro, Nationalism, Conservatism, Multilateralism, Far-Right, United Nations General Assembly.

1. Introdução

Este trabalho analisa a política externa brasileira durante o governo Bolsonaro, abordando suas características de ruptura com a tradição diplomática e o alinhamento ideológico com a extrema direita global. Além disso, o trabalho explora a funcionalidade das redes sociais como estratégia política de Jair Bolsonaro. A hipótese deste trabalho é que a política externa de Bolsonaro se afastou dos padrões tradicionais, buscando consolidar uma base ideológica interna e promover valores conservadores no cenário internacional.

A metodologia empregada inclui uma revisão bibliográfica para contextualizar teoricamente o tema e uma análise de conteúdo dos discursos presidenciais, utilizando como amparo metodológico a análise de tweets do Bolsonaro. Nesse sentido, foi feita uma análise de conteúdo, a fim de quantificar os discursos de Abertura da Assembleia Geral da ONU, do ano de 1985 a 2019, sendo proferidos cronologicamente por José Sarney, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Michel Temer e, por fim, Jair Bolsonaro. O software utilizado para a contagem dos códigos elencados foi o QDA Miner. Tal software possibilitou que os discursos fossem incluídos na íntegra, com a criação das categorias e os códigos ficaram disponíveis para serem incluídos em cada uma das falas presidenciais.

Na primeira seção, é discutida a transformação da política externa brasileira sob uma perspectiva conservadora e nacionalista, focando no afastamento do multilateralismo e na busca de alinhamento com governos de extrema direita. A segunda seção investiga a utilização das redes sociais, especialmente o Twitter, como ferramenta de retórica demagógica para atrair o eleitorado, com foco na análise dos tweets de Bolsonaro sobre política externa. Na terceira seção, explora-se o discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU em 2019, comparando-o com os de presidentes anteriores para evidenciar uma ruptura com a tradição diplomática brasileira.

2. A política externa no governo Bolsonaro

Sabe-se que a política externa (PEX) de um país tem como objetivos estabelecer cooperação e gerenciar possíveis conflitos com outros países, tendo diferentes consequências

para a sociedade civil e para as instituições internas. Nesse sentido, a política externa de um país pode ser conduzida de diferentes formas dependendo dos objetivos que o Estado procura alcançar no cenário internacional (CERVO, BUENO, 2011).

No Brasil as políticas que guiaram a política externa tinham diferentes objetivos definidos a partir dos interesses nacionais, os quais variaram dependendo da conjuntura histórica. Assim, houve momentos em que a política externa brasileira (PEB) atuou de forma independente, buscando mostrar seu papel como potência regional, e houve momentos em que a PEB esteve mais alinhada às potências mundiais (CERVO, BUENO, 2011).

Além disso, existem diferentes interpretações a respeito dos atores responsáveis pela política externa de um país, em que diferentes setores para além do Estado podem estar envolvidos. Nesse cenário, a política externa pode ser analisada pela interação entre o ambiente interno e externo dos países, como Putnam busca demonstrar em sua pesquisa:

“...o autor busca tratar de elementos-chave para explicação de como os negociadores internacionais jogam nas duas Arenas (doméstica e Internacional), tentando garantir e responder de forma equilibrada aos interesses dos atores domésticos ao mesmo tempo que tem de lidar com os constrangimentos e incentivos gerados pelo sistema internacional” (FIGUEIRA, 2011)

No texto “O Estilo Bolsonaro de Governar e a Política Externa,” Maria Regina Soares de Lima e Marianna Albuquerque analisam como a política externa brasileira sob Jair Bolsonaro seguiu um alinhamento ideológico com os Estados Unidos, descrito por alguns teóricos como "americanismo ideológico". Esse alinhamento caracterizou-se por uma proximidade incondicional com os EUA, similar a períodos históricos como os governos de Dutra e Castelo Branco, e sem exigir contrapartidas. As autoras criticam essa visão simplista da política externa, argumentando que ela ignora nuances internas e complexidades de gestão (LIMA, ALBUQUERQUE, 2019).

Uma análise mais pertinente seria, portanto, aquela que supera os paradigmas binários expostos acima. Para entender a PEB no governo Bolsonaro, as autoras partem da pesquisa de Marcos Nobre (2019), a qual destaca a funcionalidade da política externa para as premissas do próprio presidente. Segundo o entendimento do autor, o mandato de Jair Messias buscou utilizar a destruição e criação de caos como meio para manter sua base eleitoral. Entende-se como destruição e caos: o questionamento da ordem, da institucionalidade e da tradição política, e um discurso que reforce tais premissas. Sendo que, a base eleitoral que sustenta tal posicionamento se enxerga como sujeito excluído dos processos políticos tradicionais,

colocando-se como antissistemas, e, sobretudo, antipetistas. Dessa maneira, a postura do presidente em relação à política externa objetiva manter coesa essa base eleitoral através da adoção de práticas e discursos que os agradem (LIMA, ALBUQUERQUE, 2019).

Nesse mesmo íterim, os autores Guilherme Stolle Paixão e Casarões & Déborah Barros Leal Farias argumentam no artigo “Brazilian foreign policy under Jair Bolsonaro: far-right populism and the rejection of the liberal international order” que essa estratégia foi capaz de romper com a Ordem Internacional Liberal, além da tradição diplomática brasileira. Para os autores, a nova política externa brasileira pode ser analisada a partir da onda global de populistas de direita, de um projeto ideológico de ruptura com as orientações globais e uma autoimagem de Bolsonaro no cenário nacional (CASARÕES, FARIAS, 2021).

Os autores destacam na primeira parte de seu argumento, que tão importante quanto a narrativa bolsonarista de lutar contra a corrupção e contra a esquerda, representada pelo PT, foi se alinhar com países que compartilhavam a defesa dos valores ocidentais, o que explica a aproximação do Brasil com países como a Hungria, Índia, Israel e Estados Unidos. A segunda parte do argumento que trata da ruptura do Brasil com suas orientações está ligada com a tentativa do Bolsonaro de forjar uma nova identidade nacional “Conservadora, anti globalista e nacionalista” (Araújo, 2019^a) (CASARÕES, FARIAS, p.743, 2021), os autores destacam que estes elementos da “nova” identidade não são aleatórios, eles têm raízes. Por fim, a terceira parte do argumento, da imagem nacional que o Bolsonaro desempenhou de ser anti-globalista, anticomunista, nacionalista e religioso, foi enfatizada para afastar o Brasil da Ordem Internacional Liberal (CASARÕES, FARIAS, 2021).

Convergindo com essa construção do novo modelo de política externa, as autoras Lima e Albuquerque destacam a nomeação de Ernesto Araújo como chanceler, fortemente influenciado pela visão olavista e alinhado ao ultraconservadorismo internacional. Araújo promoveu visitas a governos nacionalistas de direita, como Hungria e Polônia, e defendeu posições controversas, como a permissão para uma base militar americana no Brasil, contrariando setores militares. Esse movimento rompeu com a tradição diplomática do Itamaraty, especialmente com a presença de Eduardo Bolsonaro e reformas que privilegiaram lealdade ideológica em detrimento de experiência, alinhando a política externa às pautas internas do governo (LIMA, ALBUQUERQUE, 2019).

De maneira prática, a política externa durante o governo de Jair Bolsonaro foi expressa na divergência de setores políticos internos como destacam os autores Miriam Gomes Saraiva e Álvaro Vicente Costa Silva em seu artigo “Ideologia e pragmatismo na Política Externa de Jair Bolsonaro”. (SARAIVA, SILVA, 2019).

De um lado, estavam os “olavistas” e os grupos neopentecostais, que defendiam uma agenda antissistema, anti-globalista e a “meta política externa brasileira”, pautada por Ernesto Araújo e centrada em valores ocidentais e espiritualidade, com os Estados Unidos como principal aliado. Em oposição, a ala pragmática — militares e agronegócio — atuava como moderadora das ações idealistas, frequentemente retificando declarações de Bolsonaro e de seus aliados para minimizar impactos negativos na política externa (SARAIVA, SILVA, 2019).

Houve conflitos evidentes, como na relação Brasil-China. Os idealistas tentaram se afastar da China, incluindo a visita de Bolsonaro a Taiwan antes de sua eleição, mas a pressão do agronegócio, que dependia das exportações para o país asiático, evitou uma ruptura completa. No caso de Israel, a proximidade com o governo israelense e o interesse em transferir a embaixada para Jerusalém refletiram o apoio dos neopentecostais, mas se concretizou apenas na abertura de um escritório comercial (SARAIVA, SILVA, 2019).

Com a América do Sul, a política externa priorizou laços econômicos e restritos, como na criação do Prosul, e diminuiu o engajamento político regional. A relação com a Argentina foi prejudicada por declarações hostis de Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro, que foram contidas pelo vice-presidente Mourão para preservar os interesses econômicos bilaterais (SARAIVA, SILVA, 2019).

A relação com a Venezuela foi marcada por tensão, com Bolsonaro apoiando sanções e sugerindo intervenções militares, embora essa postura fosse moderada pelos militares do governo. O governo bolsonarista, no geral, buscou alinhar a política externa à sua agenda ideológica, mas enfrentou limitações e contrapesos internos que moderaram suas ações (SARAIVA, SILVA, 2019).

Em suma, a política externa de Bolsonaro seguiu os princípios de seu governo, baseando-se na manutenção da sua rede de apoio interna representada por parte de seu eleitorado e sustentada através de uma política antissistema e midiática. Além de se alinhar com a direita e ultradireita transnacionais, a fim de cumprir seus objetivos de agradar a opinião pública que o segue. Tais fatos se incluem na gestão do caos de seu governo e no rompimento com as tradições diplomáticas de defender os interesses nacionais.

2.1.A ruptura da política externa analisada através das redes sociais

O artigo “Demagoguery, populism, and foreign policy rhetoric: evidence from Jair Bolsonaro’s tweets” de Rodrigo Fracalossi de Moraes examina a política externa do governo Bolsonaro, abordando a distinção entre populismo e demagogia. Moraes adota a definição de Norris para populismo, como uma ideologia que enaltece a autoridade do povo contra o

"Establishment", enquanto demagogia é entendida como estratégia que manipula emoções e medos. Bolsonaro teria utilizado principalmente a retórica demagógica em política externa para mobilizar seu eleitorado. Em análise dos tweets do ex-presidente, Moraes identifica elementos que demonstram uma política externa baseada em alarmismo, antielitismo e criação de inimigos, destacando temas como economia, pandemia, nacionalismo e antiglobalismo.

A fim de comprovar seus argumentos, o autor analisou *tweets* feitos pelo presidente Bolsonaro dos anos de 2019 a 2021. O autor analisou todos os *tweets* que envolviam temáticas relacionadas à política externa, pois se os discursos de Bolsonaro possuíam características demagógicas e populistas suas publicações também o fariam (MORAES, 2022).

Para classificação dos tweets, o autor estabeleceu critérios de análise, a fim de separar o que seria um conteúdo demagógico e o que seria populista. No primeiro caso, seriam incluídos conteúdos alarmistas e falsas promessas e soluções. Enquanto, no conteúdo populista seriam incluídos anti-pluralismo, anti-elitismo e centralização no povo e oposição a ideologias. Separando apenas os tweets que envolviam política externa, política internacional e atores internacionais, somaram 673 tweets a serem analisados (MORAES, 2022).

O autor destaca que a política brasileira, desde a redemocratização, foi composta por um posicionamento de ênfase em integração regional, multilateralismo, relações sul-sul, e não interferência na política de outros países, além de uma integração com a ordem neoliberal. Na contramão dessa política, o governo Bolsonaro buscou utilizar a política externa para dar ênfase na “ameaça comunista”, o perigo do globalismo e a necessidade de defender os preceitos da fé cristã ocidental. A análise dos dados revelou tópicos e atores mais comuns nas publicações de Bolsonaro, que vão ao encontro de seus objetivos de PEB, são eles: questões de economia, tecnologia, pandemia de COVID-19, críticas a esquerda política, Estados Unidos, Israel, Venezuela e China (MORAES, 2022).

Dentre as estratégias de discurso de Bolsonaro através do Twitter, uma delas foi desmoralizar a esquerda política brasileira, em especial o Partido dos Trabalhadores. Suas diversas menções de maneira negativa a Cuba e a Venezuela, como é possível ver na Figura 1, objetivavam mostrar os perigos que o Brasil se encontrava fora de seu mandato de se tornar um país socialista, sob os governos anteriores do PT. Essa tática ficou conhecida como “*Red Scare tactic*”, que usou o Foro de São Paulo como um de seus pilares de argumento. O Foro de São Paulo, foi uma organização informal entre líderes de esquerda na América Latina, que aconteceu na década de 90, e teve como principais lideranças o Partido dos Trabalhadores (PT) e Fidel Castro. Através desses elementos, Bolsonaro argumentava que ainda havia uma articulação internacional socialista que era perigosa para o país. Uma vez que nenhuma prova

ou semelhança significativa pode ser encontrada entre os passados governos petistas e os regimes cubano e venezuelano, conclui-se que Bolsonaro manipulou e exagerou tais informações. O uso desses elementos tinha como objetivo gerar um pânico em parte da população (MORAES, 2022).

Entretanto, ao se tratar da China, o discurso de Bolsonaro se mostrou muito moderado, como destaca a Figura 1, contrariando as expectativas de seguir os passos de Trump. O autor destaca como fatores para isso a importância econômica do país oriental para o Brasil e a dificuldade de deslegitimar a esquerda brasileira comparando com o caso de sucesso econômico chinês. Além disso, a fim de manter a proximidade com seu eleitorado, aqui se direcionando ao setor agropecuário brasileiro, uma vez que as importações brasileiras para a China se trata em sua maioria de *commodities*, a cautela de suas falas e publicações se explicam. Além disso, o papel de direcionar críticas e desinformação sobre o governo chinês ficou com outros personagens de seu governo, como seu ministro da educação Abraham Weintraub, o ministro de relações exteriores Ernesto Araújo e seu filho, Eduardo Bolsonaro (MORAES, 2022).

Figura 1

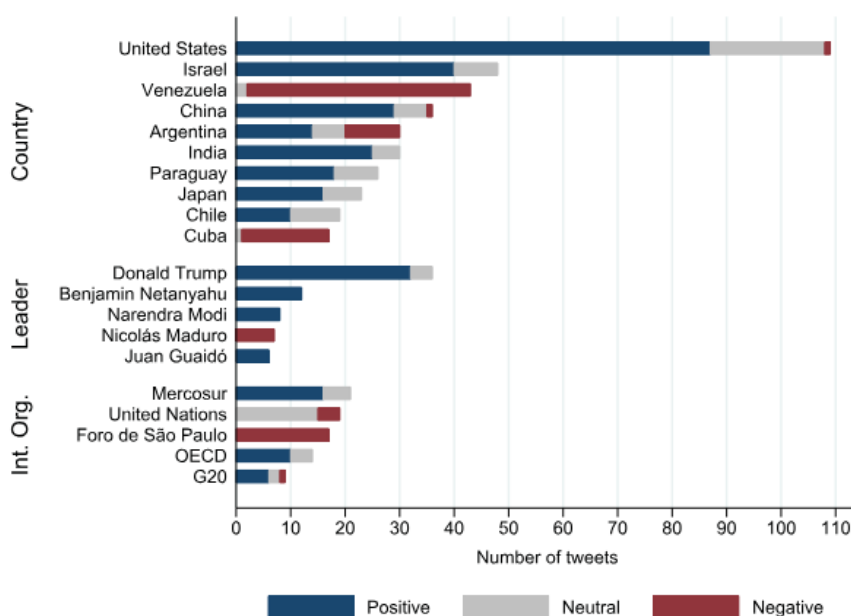


Figure 4. Countries, leaders and international organisations/networks most frequently cited in Jair Bolsonaro's tweets and attitudes towards them: 11 February 2019–17 August 2021.

Notes: As individual tweets often have references to more than one topic, the total number of tweets cannot be obtained by summing the rows. Citations of countries as hosts of international conferences (e.g. the 2019 G20 Osaka summit) were not considered. Graph done in Stata 13.

(MORAES, p.12, 2022)

Figura 2

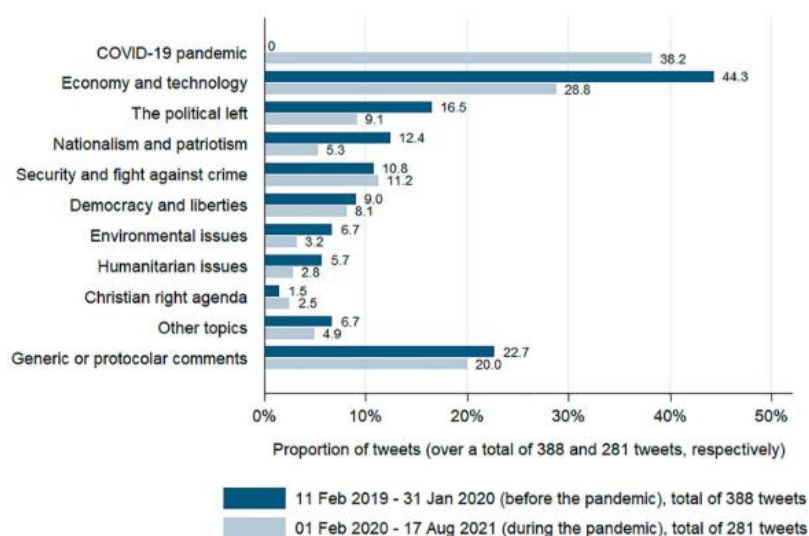


Figure 3. Topics in Bolsonaro's tweets on foreign policy, international politics, and foreign actors: 11 February 2019–17 August 2021.

Notes: As individual tweets often have references to more than one topic, rows cannot be summed. Graph done in Stata 13.

(MORAES, p.11, 2022)

Outro tópico importante nas políticas e discursos de Bolsonaro foram o nacionalismo e o patriotismo, demonstrado na Figura 1. Para isso, Bolsonaro mobilizou a questão amazônica para embasar seus argumentos, principalmente durante as queimadas na Floresta no ano de 2019. Quando o assunto repercutiu internacionalmente, Bolsonaro formulou uma retórica de articulação entre ONGs, lideranças políticas e líderes indígenas determinados a explorar os recursos amazônicos e minar a soberania brasileira. Além disso, o ex-presidente especulou que tinha apoio de outros países na condução da política direcionada à Amazônia e a seus esforços para conter a queimada, como Alemanha, Israel e Estados Unidos. Esse discurso, apesar de não condizer com os fatos, vai de encontro com a política bolsonarista de defender a soberania e os interesses nacionais (MORAES, 2022).

O gráfico feito por Moraes, Imagem 2, destaca também que a religião e a agenda de direita cristã não foram tópicos relevantes nos seus *tweets* de política externa, o que diverge do posicionamento da política interna. O papel da agenda direita cristã foi de condenar as pautas de “ideologia de gênero”, direitos sexuais e direitos de gênero. Pautado nas ideias olavistas, o discurso era de que a religião cristã se encontrava silenciada e que havia esforços internacionais para substituir os preceitos cristãos por ideias anti-Deus. Esse discurso foi extremamente relevante para sua eleição, uma vez que os grupos evangélicos cresceram consideravelmente no Brasil e as lideranças religiosas fizeram propaganda política aos fiéis. Como no caso acima,

as ideias anti-globalista e de união de esforços internacionais para fortalecer os preceitos cristãos ficou para seu ministro Ernesto Araújo (MORAES, 2022).

Por fim, o último elemento da análise e um dos mais encontrados nos *tweets* do artigo foi o posicionamento de Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19, assumindo segundo lugar no gráfico da Imagem 2. Segundo o autor, as publicações focaram em dois problemas principais sendo: a ajuda potencial e real dos países ao Brasil durante a pandemia; e a tentativa de Bolsonaro de legitimar suas ações internas voltadas para a pandemia através de órgãos, lideranças e governos internacionais. O primeiro tópico se limitou a instigar e celebrar a ajuda externa para suprimento de vacinas e medicações, vindas da China, Estados Unidos e Índia. Já o segundo, foi composto basicamente de mentiras e manipulação de informações para respaldar seu descaso com a pandemia. Usando o caso estadunidense, e seguindo os passos de Trump, Bolsonaro recomendou o uso de hidroxicloroquina, sem nenhuma evidência científica, para a população. Além disso, inventou que o G20 e a OMS respaldaram sua decisão de não fechar o comércio e realizar um lockdown (MORAES, 2022).

3. A ruptura da política externa analisada no discurso de Abertura da Assembleia Geral da ONU

Visando corroborar a pesquisa de Moraes, foi realizada uma análise dos discursos feitos pelos presidentes brasileiros do ano de 1985 a 2019 na Abertura da Assembleia Geral da ONU procurando identificar temas e elementos comuns. Assim, foram classificadas em quatro categorias principais os conteúdos das falas na Assembleia Geral da ONU, possuindo cada uma dessas categorias seus referentes códigos, e a cada citação direta ou indireta dos códigos foi construída uma tabela quantitativa. O objetivo dessa análise dos discursos é comprovar a hipótese de que a política externa do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) rompeu com a tradição diplomática brasileira.

A presente seção utilizará como método a análise de conteúdo utilizando a definição de Bardin (2016):

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).” (SAMPAIO, LYCARIAO, p.14 2021)

Desse modo, neste trabalho será feita uma contagem dos tópicos, classificados em áreas temáticas, demonstrando a recorrência de cada assunto nas falas dos presidentes. Os números

alcançados, possibilitam uma comparação dos resultados e o consequente diagnóstico de que o pronunciamento de 2019 não seguiu os padrões temáticos dos demais. Partindo deste resultado, será feita uma análise do conteúdo do discurso de 2019 a fim de demonstrar os significados e intenções da fala.

3.1.A Assembleia Geral da ONU

A Assembleia Geral é o espaço em que os 193 Estados Membros da Organização das Nações Unidas apresentam suas visões e aspirações sobre os mais variados temas que regem o cenário internacional. Tal reunião, ocorre desde a criação da Organização e visa garantir a paz e a segurança dos Estados, através da discussão de tópicos variados que intrinsecamente se relacionam a isso. Além disso, os acordos ali travados se refletem no âmbito interno dos Estados, afetando diretamente as populações (AMORIM, 2007).

O Debate Geral da Assembleia Geral da ONU passou a ser considerado uma fonte histórica para a análise da política externa brasileira, isso porque tradicionalmente o Brasil é o primeiro país a discursar dando abertura à Assembleia. Sendo, portanto, um documento cuidadosamente pensado tanto para esclarecer o posicionamento brasileiro aos demais países quanto para sinalizar para a opinião pública nacional os objetivos da PEB. No ano de 1995, cinquentenário da ONU, tais discursos foram compilados pela Fundação Alexandre de Gusmão argumentando que “...constituem uma porta de entrada para quem deseja estudar a evolução da política externa brasileira, em seus aspectos de continuidade e mudança.” (AMORIM, p.13, 2007). Segundo esse mesmo trabalho, tais discursos não esgotam o posicionamento da Política Externa Brasileira, pois diversos são os foros e organizações das quais participa o Brasil, e diversos são os seus posicionamentos. Mas, o Discurso de Abertura tem tamanha importância que se tornou um “marco público” da política externa (AMORIM, 2007).

3.2.O método de análise

Foram escolhidos sete discursos presidenciais na Abertura da Assembleia Geral, tais discursos analisados correspondem aos primeiros pronunciamentos realizados por cada um dos presidentes³ brasileiros desde a redemocratização do país. Foram eleitos apenas o primeiro discurso de cada mandato para facilitar a análise a ser feita, o que não implica em uma visão reducionista. Além disso, foi considerada a possibilidade de que o conteúdo dos discursos possa

³ Com exceção do presidente Itamar Franco que assumiu após o impeachment de Fernando Collor e não discursou no determinado evento

mudar ao longo do tempo do mandato, em virtude das mudanças de posicionamento dos presidentes ou da evolução das circunstâncias. Porém, tal tipo de análise não será feita no presente trabalho.

Assim, os discursos analisados cronologicamente foram de José Sarney em 1985; de Fernando Collor de Mello em 1990; de Fernando Henrique Cardoso (FHC) em 1995; de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003; de Dilma Rousseff em 2011; de Michel Temer em 2016; e, por fim, de Jair Bolsonaro em 2019.

A análise dos discursos foi feita através do software QDA Miner que possibilitou a criação de variáveis, cada uma possuindo códigos relacionados. Para que a quantificação fosse feita, foi necessário importar cada um dos discursos redigidos e criar as categorias e os códigos dentro do aplicativo. Com isso, cada um dos discursos foi analisado individualmente e a seleção de trechos das falas foi sendo atribuída aos seus respectivos códigos. Com a seleção de todos os tópicos dos textos, a plataforma realizou de maneira automática a análise dos dados e forneceu tabelas quantitativas e comparativas dos casos, além do gráfico de proximidade.

Para a seleção de categorias de análise, foi levado em conta o documento organizado por Luiz Felipe de Seixas Corrêa para a Fundação Alexandre de Gusmão, “O Brasil nas Nações Unidas 1946 – 2006”, o qual apresenta temas comuns aos discursos brasileiros na Assembleia Geral. Como o próprio organizador destaca:

“É notável a coerência com que o Brasil costuma apresentar-se diante de si mesmo e diante do mundo. As circunstâncias mudam. Há momentos em que as expectativas positivas são mais evidentes, outros em que não há muito lugar para otimismo. Em algumas ocasiões, as ilusões parecem prevalecer sobre as realidades. Muitas vezes, as formulações são precisas e as enunciações assumem certo viés prescritivo. Em outros momentos, porém, o componente utópico do discurso predomina. Mas estão sempre presentes, de alguma forma, as demandas consistentes do Brasil pela transformação da ordem internacional, por sua permeabilidade às realidades emergentes, e pela consolidação da ONU, de jure e de facto, como expressão formal da legitimidade na condução dos grandes temas políticos, de segurança, econômicos e sociais da agenda internacional.” (CORRÊA, 2007, p.17).

Partindo dos pressupostos acima, as categorias escolhidas foram: (i) Papel da ONU, (ii) Temas Sociais, (iii) Relações Internacionais e (iv) Ideologias para poder elencar a presença desses elementos no discurso de cada um dos presidentes. Para que pudessem ser contabilizados os elementos das falas e incluídos nas categorias acima, foram selecionados um conjunto de códigos, são eles:

- o (i) possui como códigos: Segurança; Paz; Cooperação; Diplomacia; e Equidade
- o (ii) possui como códigos: Direitos Humanos; Democracia; Igualdade/desigualdade; emprego/desemprego; Economia; e Meio Ambiente

- o (iii) possui como códigos: América Latina; Países emergentes; Soberania; Conflitos; e Potências
- o (iv) possui como códigos: Religião; Família; Patriotismo; Comunismo; Liberalismo; e Opiniões.

Dentro de cada categoria inúmeras eram as possibilidades de códigos a serem utilizados, a escolha de cada um dos códigos acima foi baseada em uma leitura preliminar dos discursos, na qual foi possível fazer um levantamento dos temas e termos utilizados pelos presidentes. Cada um dos temas expostos, que foram linkados com seus respectivos códigos, foram identificados nos textos tanto por menção direta dos presidentes a cada um dos termos, por exemplo no discurso de Dilma (2011) “Enquanto muitos governos se encolhem, a face mais amarga da crise, a do desemprego, se amplia. Já temos 205 milhões de desempregados no mundo, 44 milhões na Europa e 14 milhões nos Estados Unidos. É vital combater essa praga e impedir que se alastre para outras regiões do Planeta.” (BRASIL, 2011, p.2), que foi classificada no código de emprego/desemprego. Quanto ao conteúdo da fala, que pode ser classificado como pertencente a determinada categoria, por exemplo, o trecho no discurso de Lula (2003) “Erradicar a fome no mundo é um imperativo moral e político. E todos sabemos que é factível. Se houver de fato vontade política de realizá-lo.” (LULA.ORG.BR 2003, p.4), que foi codificado como direitos humanos, mesmo não tendo uma menção clara desses termos.

Como justificativa da relação entre o código e a categoria, entende-se que: a Organização das Nações Unidas (ONU) ocupa uma posição fundamental no avanço da segurança global, esforçando-se para evitar conflitos armados e promover a paz entre seus estados membros. Portanto, conceitos como Segurança e Paz são de suma importância nesse contexto, pois resumem o objetivo principal da ONU em defender a paz global. Além disso, a ONU defende a colaboração internacional por meio da diplomacia plurilateral, resumida pelos códigos de cooperação e diplomacia. A equidade também se destaca como um princípio fundamental, dado o objetivo da ONU de defender a justiça e a paridade entre diferentes povos e nações (MINISTERIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, 2024).

As questões sociais abrangem um amplo espectro de desafios que influenciam diretamente o bem-estar dos indivíduos em todo o mundo. Princípios fundamentais, como Direitos Humanos e Democracia, são fundamentais para os esforços da comunidade internacional, muitas vezes liderada pela ONU, em promover e salvaguardar esses princípios. O discurso em torno da igualdade/desigualdade diz respeito às disparidades nos aspectos sociais e econômicos que a ONU visa aliviar. Assuntos como emprego/desemprego, economia e meio ambiente desempenham um papel vital no desenvolvimento sustentável e na melhoria

dos padrões de vida globais (MINISTERIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, 2024).

As relações internacionais dizem respeito ao engajamento entre estados independentes, envolvendo a importância de áreas geopolíticas como a América Latina, as complexidades das nações em desenvolvimento e a questão da autonomia nacional. As Nações Unidas servem como uma plataforma para tratar de disputas internacionais e supervisionar as interações entre entidades influentes em todo o mundo, conforme evidenciado pelas designações de Conflitos e Poderes (MINISTERIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, 2024).

As ideologias incorporam os principais valores, crenças e princípios que servem como uma bússola para a formulação de políticas domésticas e externas. Vários assuntos, incluindo religião, patriotismo, comunismo e liberalismo, retratam tendências ideológicas distintas que desempenham um papel fundamental na formação de políticas e interações interestaduais. As opiniões abrangem uma gama diversificada de posições políticas e sociais que contribuem para o discurso na esfera pública e impactam as determinações governamentais (SARAIVA; SILVA, 2019)

3.3.Resultados da análise

A partir da contagem feita pelo software, foram registrados no total quatrocentos e cinquenta e oito (458) códigos nos discursos presidenciais. Sendo que, os mais recorrentes foram, respectivamente, Cooperação, Economia, Direitos Humanos e Segurança (vide tabela 1). Da mesma forma, o aparecimento das categorias em ordem decrescente é Temas Sociais, somando 150 menções (32,8% do total), Papel da ONU somando 149 menções (32,6% do total), Relações Internacionais somando 88 casos (19,1% do total), e Ideologias com 71 casos (15,5% do total).

A partir da contagem dos códigos explicitada acima, é possível notar uma maior recorrência temática dos tópicos que foram levantados por Corrêa (2007) como habituais no posicionamento brasileiro. Entretanto, é necessário que um destaque seja feito para a categoria das Ideologias, pois, não sendo algo esperado em discursos diplomáticos do Brasil, é preciso entender quem foram seus locutores e qual o conteúdo dessas falas.

Tabela 1 - Contagem e porcentagem dos códigos

Categorias	Códigos	Contagem	% Códigos	Casos	%Casos
Papel da ONU	Segurança	32	7,00%	7	100,00%
	Paz	30	6,60%	7	100,00%

	Cooperação	52	11,40%	7	100,00%
	Diplomacia	18	3,90%	5	71,40%
	Equidade	17	3,70%	5	71,40%
Temas sociais	Direitos Humanos	45	9,80%	7	100,00%
	Democracia	20	4,40%	6	85,70%
	Igualdade/desigualdade	9	2,00%	5	71,40%
	Emprego/desemprego	6	1,30%	3	42,90%
	Economia	49	10,70%	6	85,70%
	Meio Ambiente	21	4,60%	4	57,10%
Relações Internacionais	América Latina	17	3,70%	4	57,10%
	Países emergentes	24	5,20%	5	71,40%
	Soberania	16	3,50%	4	57,10%
	Conflitos	13	2,80%	5	71,40%
	Potências	18	3,90%	4	57,10%
Ideologias	Religião	14	3,10%	3	42,90%
	Família	3	0,70%	2	28,60%
	Patriotismo	8	1,70%	3	42,90%
	Comunismo	13	2,80%	1	14,30%
	Liberalismo	10	2,20%	3	42,90%
	Opiniões	23	5,00%	4	57,10%

Fonte: (BRASIL, 1985; BRASIL, 1990; BRASIL, 1982; BRASIL, 2011; BRASIL, 2016; CORRÊA, 2007; LULA.ORG.BR, 2003; OLIVEIRA, 2010; VERDÉLIO, 2019). Elaboração própria.

Para além do que já foi apresentado, e com a finalidade de demonstrar a tese desta pesquisa, a Tabela 2 oferece uma relação mais aprofundada sobre os interlocutores e os códigos. Partindo de uma sequência cronológica o discurso de 1985 do presidente Sarney, teve como categoria principal o Papel da ONU, com 24 códigos. Em seguida, o discurso do presidente Collor de 1990, teve como destaque a categoria Papel da ONU com 55 aparições dos códigos relacionados a ela. Na sequência, o discurso de 1995 do presidente FHC, apresentou uma maior ocorrência de códigos da categoria Papel da ONU (8 no total). Em quarto lugar, o discurso de 2003 do presidente Lula, teve uma predominância de Papel da ONU com 19 códigos. Após, o discurso da presidenta Dilma de 2011, teve a categoria Temas Sociais em primeiro lugar com 30 códigos. Adiante, o discurso feito em 2016 pelo presidente Temer apresentou um empate entre as categorias Papel da ONU e Temas Sociais, com 17 códigos cada. Por fim, o discurso proferido em 2019 por Bolsonaro teve 53 códigos da categoria Ideologias, que ficou em primeiro lugar⁴.

⁴ A substancial diferença entre os números de ocorrência dos códigos se deu, principalmente, pela diferença da extensão dos discursos. Assim, a categorização possui bases sólidas, independente das dissonâncias numéricas entre elas.

Tabela 2 - Número de códigos em cada discurso

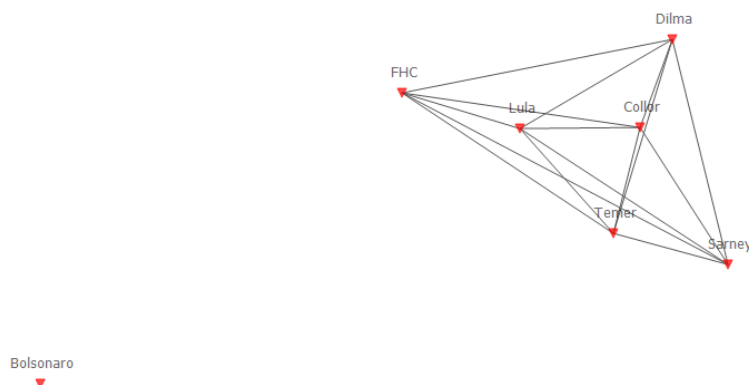
Categorias	Códigos	Sarney	Collor	FHC	Lula	Dilma	Temer	Bolsonaro
Papel da ONU	Segurança	4	11	1	4	5	6	1
	Paz	5	14	2	2	3	3	1
	Cooperação	7	15	4	10	7	4	5
	Diplomacia	5	7	1	1	-	4	-
	Equidade	3	8	-	2	2	-	2
Temas sociais	Direitos Humanos	8	12	1	7	6	7	4
	Democracia	3	8	1	-	4	1	3
	Igualdade/desigualdade	2	2	1	1	3	-	-
	Emprego/desemprego	1	-	-	-	3	2	-
	Economia	7	19	-	3	11	5	4
	Meio Ambiente	-	9	-	-	3	2	7
Relações Internacionais	América Latina	8	6	-	2	-	1	-
	Países emergentes	3	8	-	4	8	1	-
	Soberania	7	2	-	-	4	-	3
	Conflitos	5	2	-	1	2	3	-
	Potências	-	7	-	3	5	-	3
Ideologias	Religião	2	-	1	-	-	-	11
	Família	-	-	-	-	1	-	2
	Patriotismo	1	-	-	-	1	-	6
	Comunismo	-	-	-	-	-	-	13
	Liberalismo	2	5	-	-	-	-	3
	Opiniões	1	3	-	-	1	-	18

Fonte: (BRASIL, 1985; BRASIL, 1990; BRASIL, 1982; BRASIL, 2011; BRASIL, 2016; CORRÊA, 2007; LULA.ORG.BR, 2003; OLIVEIRA, 2010; VERDÉLIO, 2019). Elaboração própria.

Como demonstrado, um discurso fugiu à regra do que foi escrito pelo ex-secretário geral das Relações Exteriores do Brasil, sobre as manifestações públicas de presidentes no âmbito internacional da abertura da Assembleia Geral. A fala de Jair Bolsonaro em 2019, apresentou em sua composição uma predominância da categoria de Ideologias, em detrimento das outras quatro categorias disponíveis que são derivadas da escrita de Corrêa (2007) sobre a tradição brasileira. Dessa maneira, o resultado obtido da aparição de 61,62% desta quinta categorização, dentre as sete apresentações na ONU, possui um respaldo no ocorrido em 2019. Com a intenção de reafirmar a tese deste trabalho, de que houve uma ruptura na tradição diplomática brasileira, o mapa abaixo mostra a ligação entre os discursos, de acordo com a similaridade de aparições das categorias. É possível notar no mesmo que, há um distanciamento de Bolsonaro em relação

aos outros presidentes, pois sua fala não tem em seu conteúdo os mesmos códigos que as demais.⁵

Mapa 2D de similaridade dos casos



Fonte: (BRASIL, 1985; BRASIL, 1990; BRASIL, 1982; BRASIL, 2011; BRASIL, 2016; CORRÊA, 2007; LULA.ORG.BR, 2003; OLIVEIRA, 2010; VERDELIO, 2019). Elaboração própria.

4. Análise do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU

Esta seção pretende detalhar o conteúdo do discurso proferido pelo então presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro (J.M.B), no contexto de abertura da Assembleia Geral da ONU, a fim de relacionar com os possíveis objetivos dessa fala. O evento aconteceu no dia 24 de setembro de 2019 na sede da ONU em Nova York, Bolsonaro iniciou seu discurso declarando a salvação do Brasil de um regime socialista que teria sido instaurado pelos governos anteriores do Partido dos Trabalhadores. Segundo ele, o Brasil estaria sendo reconstruído “a partir dos anseios e dos ideais de seu povo” (VERDELIO, 2019). Mais uma vez, Bolsonaro menciona o flerte com o socialismo dos governos passados e acrescenta:

“Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.” (VERDELIO, 2019)

⁵ O fato de que o discurso de Bolsonaro está distante de comparação dos demais, não implica no fato de que outros presidentes também tiveram em suas falas o uso de códigos da categoria Ideologias. Entretanto, os números se mostram irrelevantes quando comparados com a aparição de códigos de outras categorias.

Além disso, Bolsonaro cita o projeto “Programa Mais Médicos” lançado em 2013 pela presidenta petista Dilma Rouseff, dizendo que foi um acordo brasileiro com a ditadura cubana que trouxe ao Brasil profissionais médicos sem comprovação de suas capacidades. Acrescentou ainda, que esses médicos foram mantidos no Brasil sem condições dignas e comparou os cargos ao trabalho escravo. Bolsonaro cita a saída desses profissionais do Brasil em seu mandato e vangloria a vitória contra agentes comunistas cubanos. Nesse mesmo contexto, ele cita as tentativas cubanas de instaurar o comunismo nos demais países da América Latina e a vitória desse regime na Venezuela (VERDELIO, 2019).

Se tratando do tema da Venezuela, J.M.B. explicita que são cruéis as condições em que o país se encontra sob o comando socialista, destacando a migração de venezuelanos ao Brasil a fim de fugir do regime e os esforços junto aos EUA para que a democracia seja restabelecida. Segundo ele, os esforços brasileiros também estão destinados a combater o socialismo na América Latina, citando o “Foro de São Paulo” como uma de suas maiores preocupações (VERDELIO, 2019).

Em seguida, Bolsonaro entra no tema da Economia, informando que o Brasil buscará se aproximar dos demais países estabelecendo a liberdade econômica, através do livre mercado, das concessões e das privatizações. Destaca também que essa abertura econômica visa romper com as estratégias passadas e integrar as cadeias globais de valor, como já estariam fazendo através dos acordos entre Mercosul e União Europeia e Mercosul e Área Europeia de Livre Comércio (VERDELIO, 2019).

Se dirigindo a Ysani Kalapalo, indígena brasileira escolhida para integrar a comissão de Bolsonaro no evento, o então presidente passa para o tema do Meio-Ambiente. Destacando os esforços brasileiros para preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável, explorando estatísticas que demonstram a grandiosidade do território amazônico e se apoiando nos recursos naturais brasileiros, Bolsonaro repudia os ataques midiáticos e políticos em relação ao manejo da questão ambiental de seu governo. O presidente destaca que incidentes de queimadas tem origens naturais e são práticas comuns dos indígenas, e que o foco dado ao incêndio na Amazonia pela mídia nada mais é do que um desrespeito a soberania brasileira e interesse nos recursos dessas terras. Bolsonaro compara essa situação com o colonialismo e pede atenção da ONU ao caso. Por fim, o líder brasileiro expõe a questão indígena, dizendo que os territórios demarcados são suficientes e que não tem a pretensão de aumentar essa porcentagem, além de criticar ONGs, líderes indígenas e políticos (VERDELIO, 2019).

Reafirmando o compromisso brasileiro com os direitos humanos, a democracia e a liberdade, ele traz o tema dos asilados políticos, chamando-os de terroristas, que estavam no

Brasil e foram devolvidos aos seus países de origem. Depois, em tom de exaltação ele fala sobre as ações de Sérgio Moro para prender e punir os presidentes socialistas que o antecederam. Ainda sob a perspectiva da segurança pública, Bolsonaro diz que o país está trabalhando para resolver os numerosos casos de homicídio e crimes violentos, especialmente sobre os alvos preferenciais, os policiais militares. Mostrando assim, que o Brasil está se tornando um país mais seguro e hospitaleiro (VERDELIO, 2019).

Seguindo, o presidente explicita sua preocupação com a crescente perseguição religiosa ao redor do mundo e defende a criação de um dia para homenagear as vítimas desse crime. Destacando as missões de paz na ONU, ele traz em voga a participação brasileira e a qualidade desse trabalho (VERDELIO, 2019).

Com respeito as relações exteriores, Bolsonaro destacou sua agenda internacional, citando os países aos quais visitou ou pretende ir e os tópicos discutidos nessas viagens com os representantes de cada país (VERDELIO, 2019)..

Encerrando seu discurso, o líder político alerta sobre os males da ideologia na sociedade brasileira, responsável por invadir os lares e as instituições destruindo a inocência de crianças com debates de gênero e expulsando Deus da alma humana. Trouxe ainda, o caso do seu esfaqueamento por um militante de esquerda e sua milagrosa sobrevivência, atribuída a Deus. Ele também faz uma citação de um versículo bíblico e o liga aos objetivos da ONU (VERDELIO, 2019).

Como relatado anteriormente nessa pesquisa, a política bolsonarista teve como pilar manter coesa a sua base eleitoral, bem como os setores que compunham seu governo. Nesse sentido é importante entender quem compunha a base eleitoral de Bolsonaro e quais ideias defendiam.

O contexto brasileiro na época das eleições presidenciais de 2018 é capaz de explicar a ascensão política desses preceitos ideológicos que fizeram parte da gestão Bolsonaro. Usando como ferramenta os escândalos de corrupção do Partido dos Trabalhadores e a prisão de seu principal adversário deste partido, Luis Inácio “Lula” da Silva, Bolsonaro foi capaz de mobilizar parte da população. Utilizando como propaganda o fato de não ter as grandes mídias ao seu lado, o então deputado fez disso seu maior diferencial em relação aos outros políticos, se mostrando antissistema. O maior meio de propaganda política utilizada foi a disseminação de desinformação, a defesa de valores conservadores religiosos e uma rejeição dos padrões políticos através de redes sociais, capaz de se comunicar mais facilmente com a população (CASAROE, FARIAS, 2021).

Assim, é possível fazer um levantamento dos setores específicos responsáveis tanto pela vitória eleitoral de Bolsonaro, quanto como influências de seus discursos e ações, presentes em sua política voltada para o cenário nacional e internacional, são eles:

“1. A bancada evangélica (“Bíblia”), composta por inúmeras lideranças de diferentes igrejas, algumas politicamente rivais, mas unidas pelo apoio a pautas conservadoras, no plano doméstico, e pela defesa de Israel, no plano global; 2. A bancada ruralista (“Boi”), composta pelos representantes dos setores do agronegócio e da agroindústria, desejosos por manter os fluxos comerciais de seus produtos e apoiadores da liberalização dos mercados agrícolas globalmente; 3. O grupo composto pelos militares e pela bancada da segurança pública (“Bala”), preocupada com temas como o combate ao crime organizado, defesa das fronteiras, endurecimento da legislação criminal e reforço da soberania nacional; 4. O núcleo anti-globalista do governo, diretamente vinculado ao presidente (“Bolsonaro”), formado por parte expressiva da bancada eleita pelo PSL e por demais membros do partido e alinhados com o pensamento filosófico-ideológico de Olavo de Carvalho; 5. A equipe econômica (“Bancos”), liderada por Paulo Guedes e composta por economistas liberais provenientes do mercado financeiro, defensores da abertura econômica irrestrita, de privatizações e desregulamentação bancária” (CASARÕES, 2019, p. 252-253).

Ao clamar em seu discurso sobre a salvação do Brasil das tiranias de um socialismo que havia se instaurado no país, Bolsonaro busca acima de tudo se comunicar com seu eleitorado. Partindo do princípio de que um dos pilares de sua eleição foi o anticomunismo e a desinformação, sua propaganda eleitoral buscou caracterizar os governos do PT como socialistas, principalmente pela aproximação com os governos cubano e venezuelano durante os mandatos de Lula e Dilma. Essa fala indica a clara intenção de ruptura com os passados governos, além de ser uma completa falácia para cativar seu público interno.

No que diz respeito a sua declaração sobre a Venezuela, Bolsonaro busca se aproximar do presidente dos EUA, Donald Trump. No contexto do pronunciamento brasileiro, a reeleição de Nicolas Maduro na Venezuela levou a uma onda de declarações internacionais que condenavam seu governo, destacando os EUA como um de seus principais críticos. Donald Trump declarou apoio ao presidente golpista Juan Guaidó e sugeriu uma intervenção humanitária no país latino, a fim de reestabelecer a democracia (G1, 2019). É nesse cenário, que o presidente brasileiro defende a retomada democrática na Venezuela e condena o regime do país. Vale lembrar que tal declaração gerou uma reação negativa da parte militar de seu governo, como por exemplo com seu vice-presidente Hamilton Mourão que declarou que o Brasil não tinha intenções de invadir a Venezuela ou reconhecer Guaidó (SARAIVA, SILVA, 2019).

Ao entrar no tema da economia, Bolsonaro busca se aproximar principalmente do grupo liderado por seu então ministro da economia Paulo Guedes. Como base de sua campanha eleitoral estava defender um modelo de abertura econômica e entrega do ministério para o ferrenho defensor da escola liberal de Chicago. Essa campanha foi um atrativo para o setor

agrícola brasileiro, representado pelos grandes produtores rurais voltados para a monocultura de exportação, além do setor financista. Por isso, Bolsonaro defende a abertura econômica e a aproximação com o continente europeu.

No ano de 2019, diversos focos de queimadas atingiram o solo brasileiro, chamando atenção para o nível de desmatamento da vegetação. O foco principal de tais queimadas foi na região amazônica e no Pantanal, devido ao aumento considerável da área que foi incendiada (WWF, 2019). O assunto repercutiu na mídia mundial, e o então presidente francês Emmanuel Macron se pronunciou nas redes sociais sobre as questões ambientais brasileiras, gerando uma tensão com o presidente Bolsonaro. Em especial, a sugestão de Macron de que a questão ambiental brasileira fosse discutida no G7 e a possibilidade de a França vetar acordos entre o Mercosul e a União Européia, levou Bolsonaro a discursar que a preocupação “de certos países” com a Amazônia não passava de um colonialismo disfarçado (G1, 2019). Além disso, durante toda sua campanha Bolsonaro criticou a ação de ONGs e se opôs a questão indígena, é nesse sentido que levou junto à sua comissão a indígena Ysani Kalapalo. A youtuber de origem Xingu, ficou famosa por disseminar *fake news* sobre a vida dos povos indígenas e era veemente criticada pelas lideranças da região (CARTA CAPITAL, 2023).

Em respeito a menção de Bolsonaro aos asilados políticos, ele cita o nome apenas de um sendo Cesare Battisti, um escritor italiano que estava asilado no Brasil desde 2004, condenado na Itália à prisão perpétua pelo envolvimento na morte de quatro homens, atribuída ao grupo “Proletários Armados pelo Comunismo”. O escritor italiano também já havia sido condenado a 13 anos de prisão nos anos 1970 por participar de um grupo de extrema-esquerda. Bolsonaro havia declarado ao embaixador da Itália que faria a extradição de Battisti, porém o italiano fugiu do Brasil no ano de 2019 e foi preso na Bolívia (EL PAIS 2019). É nesse sentido que Bolsonaro declara que “Terroristas sob o disfarce de perseguidos políticos não mais encontrarão refúgio no Brasil.” (VERDELIO, 2019). O presidente entra com isso no tema da segurança, exaltando o ministro da justiça Sérgio Moro, responsável pela Operação Lava-Jato que investigou casos de corrupção na política brasileira, a qual deu ordem de prisão ao ex-presidente Lula (UOL, 2021). Esta parte da fala, que também destaca policiais como os maiores alvos de homicídio do Brasil, pretendeu se comunicar tanto com seu eleitorado quanto com o setor de seu governo conhecido como “bancada da bala”, setor que defende o armamento civil.

Sendo a questão religiosa (cristã) um dos principais pilares de sua eleição, devido ao apoio de pastores evangélicos que pregavam a visão de “Messias” à Bolsonaro e sua grande influência sobre a população brasileira, a mobilização de versículos bíblicos e de ideais reacionários fez

parte da agenda de seu governo. Por isso, tratar da perseguição religiosa cristã em seu discurso se comunica diretamente com seu eleitorado e parte de seu governo.

Bolsonaro em seu discurso na Abertura da Assembleia Geral mostra também como o país buscava estender suas relações internacionais, citando os países em que já esteve como EUA, Chile, Israel e Argentina, deixa claro que sua prioridade era se alinhar aos governos que compartilhavam a mesma ideologia_ (LIMA, ALBUQUERQUE, 2019). Ele cita também as intenções de ir ao Japão, China, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Catar. Como já descrito anteriormente, o governo Bolsonaro teve o cuidado de não se colocar contra o principal comprador brasileiro no oriente, a China, o que explica a honrosa menção do país em seu discurso.

Por fim, como detalhado na pesquisa, a ideologia foi um dos principais recursos captados por Bolsonaro para se fazer eleito. A ideologização foi construída pela direita como um artifício usado pela esquerda para corromper valores que correspondem a moral cristã. Em seu discurso, mais uma vez Bolsonaro deixa claro o perigo que a ideologia possui e as consequências para o país. Para que mais uma vez se comunique com seu eleitorado e gere um afeto que vem da sua figura de salvador da pátria.

5. Conclusão

A análise da política externa brasileira sob o governo Bolsonaro revela uma ruptura profunda com a tradição diplomática brasileira, caracterizada historicamente pelo pragmatismo e pelo multilateralismo. Na primeira seção, discutiu-se como o governo Bolsonaro, influenciado por uma ideologia conservadora e nacionalista, orientou-se por uma política externa que privilegiava a aproximação com a extrema direita global, em detrimento das tradicionais relações sul-sul e do multilateralismo. A pesquisa evidenciou que essa abordagem ideológica substituiu um alinhamento histórico do Brasil com a integração regional e as coalizões de países emergentes por uma agenda baseada na retórica antiglobalista e nacionalista. Essa transformação marcou um afastamento de parcerias estratégicas tradicionais e aproximou o Brasil de países e lideranças que compartilham valores de direita, o que reconfigurou o papel do país no cenário internacional.

Na segunda seção, a análise dos tweets de Bolsonaro reforçou a visão de que a política externa do governo usou a retórica demagógica para solidificar o apoio da base interna. Utilizando-se amplamente das redes sociais, especialmente o Twitter, o presidente promoveu uma visão alarmista e antissistema, que incluía críticas à esquerda política, à China e à "ameaça

comunista." Essa abordagem, que combinava demagogia e populismo, reforçou o vínculo com uma base que enxergava na retórica de Bolsonaro a defesa de valores nacionais e de uma "guerra cultural" contra o globalismo e o comunismo. Essa comunicação direta e estratégica nas redes contribuiu para deslegitimar organismos internacionais e fortalecer uma narrativa nacionalista.

A terceira seção explorou o discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU em 2019, que se distanciou dos discursos diplomáticos tradicionais, priorizando uma abordagem nacionalista e conservadora. O presidente aproveitou o palco da ONU para ressaltar uma agenda de combate ao socialismo e ao globalismo, alinhada a valores cristãos e conservadores, ao mesmo tempo em que criticava a interferência de outros países nos assuntos brasileiros, principalmente nas questões ambientais. Essa retórica reforçou uma postura de defesa da soberania nacional em detrimento da cooperação multilateral, distanciando o Brasil dos compromissos tradicionais de integração regional e direitos humanos. A análise mostrou que essa abordagem isolou o Brasil no cenário internacional, dificultando relações com parceiros históricos e afetando a imagem do país perante a comunidade global.

Em conjunto, o trabalho evidenciou que a política externa de Bolsonaro não apenas representou uma nova abordagem, mas consolidou uma visão ideológica que privilegiou alianças com governos de direita e ultradireita, distanciando-se dos compromissos diplomáticos tradicionais do Brasil. Dessa forma, a pesquisa confirma a hipótese de que o governo Bolsonaro promoveu uma política externa que se afastou dos princípios multilaterais e pragmáticos históricos, priorizando a retórica ideológica e a manutenção de uma base de apoio interna.

6. Referências

AMORIM, Celso. Apresentação da Segunda Edição. In: CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas (org.). **O Brasil nas Nações Unidas 1946 – 2006**. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. p. 13-14.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/61102466/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e.pdf?1572704168=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DBARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa.pdf&Expires=1682956486&Signature=df-NcQfF2sRa~CRU9JDx2iNZgzIbeDRm3dP3q3l2nuMTL4yzq-1pv6lGPHrj8AelGUSvemQ1tCgbE03moukRtskNJrm2fEo9uMjAq5oUyvFowfXsXE2QbuuKmM8nTL0XdYiZ39DqGreF9Twqq6WU2zv6Gr7YPotH6dU7rAfOXDcTW8uE1YBWclr-

rHjDA6lHJJLojjAXXW17tvFJ85Qgy7gkt-
 izTKf3gc~EnP71CPhc1QRIfgaTCOI8XKV6DGHwAcneDNBqOIxelIcEtzqnBifUMxmN4C
 P1M4eT0IXhSgEhgwCSmJc8pQw2mTT0fP~DWa5oHtH-royBP8A7U~mBJA__&Key-
 Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 25 abr. 2023.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. 23 de setembro de 1985 - Pronunciamento do presidente José Sarney, por ocasião da abertura do debate geral da XL Assembleia-Geral da ONU. 1985. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/jose-sarney/discursos/1985/94.pdf/view>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. . 24 de setembro de 1990 - Discurso pronunciado por Sua Excelência o Senhor Fernando Collor, Presidente da República Federativa do Brasil, por ocasião da abertura do debate geral da XLV Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. 1990. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-collor/discursos/1990/88.pdf/view>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas. 2011.

Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-66a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. Pronunciamento do senhor Presidente da República, Michel Temer, durante abertura do Debate Geral da 71ª Assembleia Geral das Nações Unidas - Nova York/EUA (20min19s). 2016. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-senhor-presidente-da-republica-michel-temer-durante-abertura-do-debate-geral-da-71a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-york-eua>. Acesso em: 14 mar. 2022.

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e. Eleições, política externa e os desafios do novo governo brasileiro. Pensamiento propio, v. 24, p. 231-274, 2019. Disponível em:

<http://www.cries.org/wp-content/uploads/2019/08/PP-49-50-web.pdf#page=233>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e; FARIAS, Déborah Barros Leal. **Brazilian foreign policy under Jair Bolsonaro: far-right populism and the rejection of the liberal international order**. Cambridge Review Of International Affairs, [S.L.], v. 35, n. 5, p. 741-761, 1 out. 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09557571.2021.1981248>. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09557571.2021.1981248>. Acesso em: 28 out. 2024.

CARTA CAPITAL. **Quem é Ysani Kalapalo, a indígena escolhida por Bolsonaro para ir à ONU**. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-e-ysani-kalapalo-a-indigena-escolhida-por-bolsonaro-para-ir-a-onu/>. Acesso em: 13 out. 2024.

CERVO, Amado Luis; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. Editora UnB. 4ª edição. 2011.

CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas. Introdução da Segunda Edição. In: CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas (org.). **O Brasil nas Nações Unidas 1946 – 2006**. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. p. 15-18.

EL PAÍS. **Prisão de Battisti, o ‘presente’ de Bolsonaro ao ministro populista italiano no poder**. 14 jan. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/13/politica/1547403892_484318.html. Acesso em: 13 out. 2024.

FIGUEIRA, Ariane Roder. **Introdução a análise de política externa**. Editora Saraiva. 1ª edição. 2011. Disponível em: <https://ainterpol.files.wordpress.com/2014/05/figueira-introduc3a7c3a3o-a-anc3a1lise-de-polc3adtica-externa.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.

G1. **Crise na Venezuela: as intervenções militares dos EUA na América Latina que levaram à mudança de governo**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/04/crise-na-venezuela-as-intervencoes-militares-dos-eua-na-america-latina-que-levaram-a-mudanca-de-governo.gh.html>. Acesso em: 13 out. 2024.

G1. **Veja as frases que marcaram a elevação de tensão entre Bolsonaro e Macron.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/27/veja-as-frases-que-marcaram-a-elevacao-de-tensao-entre-bolsonaro-e-macron.ghtml>. Acesso em: 13 out. 2024.

HIRST, M.; MACIEL, T. **Brazil's Foreign Policy In The Time Of The Bolsonaro Government.** SciELO Preprints, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4771. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4771>. Acesso em: 28 feb. 2024.

LIMA, Maria Regina Soares de; ALBUQUERQUE, Marianna. O Estilo Bolsonaro de Governar e a Política Externa. Boletim Opa, N.I., v. 1, n. 1809-8827, p. 15-21, Não é um mês valido! 2019. Disponível em: http://opa.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Boletim_OPSA_2019_n1-jan-mar.pdf. Acesso em: 06 fev. 2024.

LULA.ORG.BR. Leia a íntegra do primeiro discurso de Lula na ONU. Diante de uma plateia de chefes de Estado, o ex-presidente discursou por cerca de 20 minutos na abertura da Assembléia Geral da entidade no dia 23 de setembro de 2003. 2003. Disponível em: <https://pt.org.br/leia-a-integra-do-primeiro-discurso-de-lula-na-onu/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (org.). **O que é a Organização das Nações Unidas?** Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/acoes-internacionais/Articulacao/articulacao-internacional/onu-1/organizacao_das_nacoes_unidas. Acesso em: 15 ago. 2024.

MORAES, Rodrigo Fracalossi de. **Demagoguery, populism, and foreign policy rhetoric: evidence from jair bolsonaro's tweets.** Contemporary Politics, [S.L.], p. 1-27, 25 set. 2022. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13569775.2022.2126155>.

OLIVEIRA, Miguel Darcy de (org.). **Discursos Selecionados do Presidente Fernando Henrique Cardoso.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. 90 p. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/636-Discursos_FHC.pdf. Acesso em: 14 mar. 2022

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. CAPÍTULO 1: DEFINIÇÃO, APLICAÇÕES E EPISTEMOLOGIA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO (AC): definição. In: SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação.** Brasília: Enap, 2021. p. 14-17.

SARAIWA, Miriam Gomes; SILVA, Álvaro Vicente Costa. **Ideologia e pragmatismo na Política Externa de Jair Bolsonaro**. Relações Internacionais, N.I., p. 117-137, dez. 2019.

Disponível em:

https://www.academia.edu/download/62416538/SARAIWA__Miriam__SILVA__Alvaro_V.C._Ideologia_e_Pragmatismo_na_Politica_Externa_de_Jair_Bolsonaro20200319-116987-lwddgk.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

UOL. **Da prisão até a anulação das condenações: veja a linha do tempo de Lula na Operação Lava Jato**. 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/17399_da-prisao-ate-a-anulacao-das-condenacoes-veja-a-linha-do-tempo-de-lula-na-operacao-lava-jato.html. Acesso em: 13 out. 2024.

VERDÉLIO, Andreia. **Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU: Amazônia e segurança pública foram temas citados pelo presidente**. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 14 mar. 2022.

WWF Brasil. **Amazônia, Cerrado e Pantanal somam 123.326 focos de queimadas em 2019**. 2019. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?73282/Amazonia-Cerrado-e-Pantanal-somam-123326-focos-de-queimadas-em-2019>. Acesso em: 13 out. 2024.